

Num comboio para Murmansk

(Condensado da «Nautical Gazette»)

Por Edwin Muller

«NENHUM de nós fazia bem idéia do que nos estava reservado.» Quem assim fala é o segundo-tenente Norman Adams Junior, um simples e amavel rapaz da Virgínia, que comandou, ainda recentemente, a guarda armada de um navio cargueiro americano. A comissão lhe fora confiada em dias do ano corrente, após um curso de treinamento, de quatro meses, na Reserva Naval. Nenhuma experiência tinha ele do lado áspero e acidentado das coisas. Dois dos seus comandados—Crabtree e Castleberry, da guarnição da artilharia—achavam-se presentes, quando lhe ouvi a narrativa singela que aquí reproduzo.

—Os caixotes que foram para o porão nº 1 tinham a marca TNT. Nosso maquinista-chefe—calculo que terá uns setenta anos—lá estava atento, a acompanhar o serviço. «Meninos,» disse-nos ele, «cada um destes caixotes me tira um ano de vida.» Nós levamos o caso em pilhéria.

A primeira parte da viagem foi como um cruzeiro de recreio. Tratei de entrar em contacto com os seis rapazes que guarneciam o armamento. Um deles, Chronister, de não mais que dezessete anos, levava todo o tempo a dizer: «Estou doido que aconteça alguma coisa que sacuda um pouco a gente.»

A primeira vez que tive impressão real do carater da nossa missão foi quando chegamos à Islândia. O comandante do navio, Hiss, e eu, fomos convocados para uma conferência,

Uma descrição impressionante dos imensos sacrifícios em que importa o atual transporte marítimo de abastecimentos para a guerra

como é de praxe, antes da saída de comboios. O comodo do comboio era um inglês solene. Disse-nos que não queria que nenhum de nós partisse, sem termos a noção precisa de que aquilo ia ser duro.

Mas o peor da história ficou para o fim da conferência, quando o comodo designou as posições dos navios. Nós pensávamos que, por causa da TNT, nos seria dado algum lugar no meio do comboio. Coube-nos, entretanto, a extrema da retaguarda, do lado de estibordo. Chamaram-lhe a esquina do esquife. No começo tínhamos três cruzadores, além de vários destróieres. A despeito de toda esta guarda, nosso navio achava-se muito exposto, no ponto que lhe tocou, bem a reboque.

Naquelas águas, naquela estação do ano, a claridade mantem-se 24 horas por dia. À meia-noite, o sol chega ao horizonte, e há um ligeiro crepúsculo. É curioso ver passar o dia, sem nunca ficar escuro.

A quatro dias da Islândia começaram as novidades!

A esta altura da narrativa, Castleberry, que aí ao lado escutava, arreganhou os dentes, a sorrir. Norman, com um parêntese, explicou: «Crabtree fazia anos naquele dia, e nós então lhe dissemos:—Faça uma boa farra, porque

ficará profundamente. A prece marca com os seus sinais indeléveis as nossas ações e conduta. Uma tranquilidade de atitude, um estado efetivo de repouso, que transparece na fisionomia, são por via de regra observados em todos os que enriquecem de tais forças a sua vida íntima. Dentro no insondável recesso da nossa capacidade de entendimento, acende-se uma luz. E o homem vê-se a si mesmo. Percebe o seu egoísmo, seu pequenino orgulho, seus temores, suas coibiças, seus erros. Desenvolve-se-lhe então um senso de obrigação moral, de humildade intelectual, e eis que a alma se lança na jornada para o reino da graça.»

Imagine-se uma pessoa, que, para provar que uma flor não nasce de uma semente, plantasse esta num lugar escuro, e onde lhe não desse gota de água. É claro que tal semente nunca poderia germinar. Procedem do mesmo modo os que contestam a eficácia da prece. Quem quiser tirar a limpo as vantagens incomparáveis da doutrina cristã, bastará que a ponha em prática. Nem há outro meio de verificá-lo.

Temos em geral certo pendor para estabelecer um divórcio entre a religião e as coisas «práticas». Procuramos viver em dois mundos—um de inspiração e aspiração, outro que chamamos o mundo real, da política, da sociedade, dos negócios. Impõe-se, como necessidade im-

periosa, que os ensinamentos de Cristo venham a reunir estes dois mundos.

É ainda o dr. Carrel quem assim se pronuncia: «Hoje, mais do que nunca, a prece é uma necessidade inelutável na vida de homens e povos. A falta de intensidade no sentimento religioso acabou por trazer o mundo à beira da ruína. O mais profundo manancial de energia e perfeição, que se acha ao nosso alcance, tem sido miseravelmente abandonado. Se a força da prece for mais uma vez posta em ação, revigorando homens e mulheres, haverá ainda esperança de que não sejam vãos nossos anseios de um mundo melhor.»

A disposição, cada vez maior, que se nota no mundo econômico, político e social, no sentido de cada um de nós considerar-se em dever para com o seu semelhante, é seguramente uma prova de que nos achamos às vésperas de um renascimento espiritual. A avidez de ser útil à coletividade, que, nos dias tremendos que vivemos, homens e mulheres manifestam em todos os campos da vida, é outro sinal concludente do mesmo fenômeno. Milhões e milhões de criaturas, por toda a superfície do planeta, chegaram afinal a um ponto em que se rendem à evidência de que é fútil tentar satisfazer-nos com coisas materiais. Vamos todos reconhecendo, ainda que à custa de decepções, que nem só de pão vive o homem.



¶ Um garoto da cidade, achando-se pela primeira vez no campo, correu ao encontro de sua mamã, ansiosamente, para contar-lhe: «Vi agorinha o homem que faz cavalos! Ele estava mesmo terminando um, quando o vi. Estava pregando a pata traseira.»